

**FOLKCOMUNICAÇÃO E RESISTÊNCIA:
UM ESTUDO SOBRE LOCALIZAÇÃO E FACHADAS DOS
TERREIROS DE UMBANDA DE SOROCABA**

**FOLKCOMMUNICATION AND RESISTANCE:
A STUDY ON THE LOCATION AND FACADES OF
UMBANDA TEMPLES IN SOROCABA.**

Thífani Postali Jacinto¹⁰⁷

Anderson Francisco de Paiva Vieira

RESUMO

O artigo busca identificar a localização dos terreiros de Umbanda de Sorocaba e analisar a comunicação visual de suas fachadas, buscando assim, compreender como esses locais se inserem no contexto urbano e como se protegem contra a violência e a intolerância religiosa. Partindo de considerações de Muniz Sodré acerca da situação da religião Umbanda nas cidades, o trabalho parte do pressuposto de que os terreiros de Umbanda de Sorocaba buscam formas de proteção para manterem-se ativos diante da intolerância religiosa. Para contextualizar a intolerância, traz notícias e imagens de ataques e destruição de terreiros e altares, a partir de pesquisa em páginas da internet, evidenciando a vulnerabilidade desses espaços. Como metodologia, faz uso de levantamento e cartografia para mapear os terreiros, analisando a comunicação de suas fachadas a partir da Folkcomunicação. Como resultados, apresenta que, com raras exceções, os terreiros locais seguem a mesma lógica apresentada por Sodré, pois estão localizados em pontos geográficos periféricos e evitam a comunicação em suas fachadas.

Palavras-chave: Folkcomunicação; comunicação urbana; práticas culturais; cidade; Umbanda.

ABSTRACT

This article seeks to identify the locations of Umbanda temples in Sorocaba and to analyze the visual communication of their facades, thereby aiming to understand how these spaces are integrated into the urban context and how they protect themselves against violence and religious intolerance. Drawing on Muniz Sodré's considerations regarding the status of Umbanda religion in urban environments, this study operates under the assumption that the Umbanda temples in Sorocaba seek forms of protection to remain active in the face of religious intolerance. To contextualize this intolerance, the article presents news articles and images depicting attacks and destruction of temples and altars, based on research conducted through internet pages, thereby highlighting the vulnerability of these spaces. Methodologically, it utilizes surveys and cartography to map the temples and analyzes the communication of their facades from the perspective of folk communication. The findings indicate that local temples adhere to the same logic proposed by Sodré, as they are situated in peripheral geographical locations and tend to avoid overt communication on their facades.

Keywords: Folkcommunication; urban communication; cultural practices; city; Umbanda.

¹⁰⁷ Doutora em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestrado em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (Uniso). Graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Sorocaba. E-mail: thifani.postali@prof.uniso.br CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7373730035263546> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0541-7203>

INTRODUÇÃO

Historicamente, os centros das cidades sempre foram projetados para a alta sociedade, com referências europeias. Com o passar do tempo, a demarcação territorial se tornou ainda mais acentuada nas cidades, com o reforço de mais símbolos que estimulam e reafirmam a supremacia hegemônica, com instalação de shoppings centers e espaços privados que segregam grupos. De acordo com Muniz Sodré (2019), as construções das cidades cariocas e o plano higienista de transformar as cidades em referências europeias fez com que as pessoas negras se afastassem da sua cultura e dos centros das cidades, transformando os territórios centrais em dominantes, limitando o espaço, o que fez com que as pessoas marginalizadas passassem a construir e criar seus próprios territórios.

O afastamento dos terreiros de Umbanda dos centros das cidades fez com que os espaços de religiosidade se adaptassem ao novo sistema para manter vivo o território e trazer de volta as memórias e ancestralidades apagadas com as construções e opressão da colonialidade. Segundo Sodré (2019), como estratégias para também driblar a violência presente nas cidades, os terreiros passaram a utilizar símbolos que se encontravam navegando entre a construção europeia e a cosmovisão negra. Além disso, muitas comunidades passaram a esconder seus territórios com fachadas sem sinalização, e com a divulgação por meio da oralidade passada através de um visitante para o outro.

Partindo das considerações de Sodré (2019) acerca da situação da religião Umbanda nas cidades brasileiras, o trabalho guia-se pelo pressuposto de que os terreiros de Umbanda de Sorocaba buscam formas de proteção para manterem-se ativos diante da intolerância religiosa que assola o país. Para contextualizar a intolerância, traz notícias e imagens de ataques e destruição de terreiros e altares evidenciando a vulnerabilidade desses espaços.

Com isso, o artigo busca identificar a localização dos terreiros de Umbanda de Sorocaba e analisar a comunicação visual de suas fachadas por meio da Folkcomunicação (Beltrão, 1980), teoria brasileira que se debruça na

compreensão das diferentes formas de comunicação e manifestações populares. A intenção é trazer ao debate os modos pelos quais esses locais se inserem no contexto urbano, e como se resguardam, no que se refere a comunicação, contra a violência e a intolerância religiosa. Como metodologia, faz uso de levantamento bibliográfico e matérias de jornais para embasar o cenário em que o tema se insere, e cartografia a partir das colocações de Joly (2004) para mapear os terreiros da cidade de Sorocaba, identificando a comunicação de suas fachadas. Como resultados, apresenta que os terreiros locais seguem a mesma lógica apresentada por Sodré (2019), pois estão localizados em pontos geográficos periféricos e evitam uma comunicação clara em suas fachadas, no que se refere ao terreiro.

A UMBANDA E OS TERREIROS

A Umbanda é uma religião formada em solo brasileiro e une diversos povos marginalizados e perseguidos. Aqui, vale a compreensão de que o termo marginalizado se refere a grupos sociais que estão à margem das culturas dominantes. Ele se apoia nos estudos da Escola de Chicago e da Folkcomunicação, que compreendem a pessoa marginalizada como alguém que vive em contato com culturas diferentes, não alienadas totalmente aos padrões dominantes. Segundo Simas (2021), a palavra Umbanda tem origem na cultura banto, que é amplamente conhecida em determinadas regiões da África. Segundo o autor,

O vocábulo umbanda ocorre no umbundo e no quimbundo, significando arte do curandeiro, ciência médica, medicina. Em umbundo, o termo que designa o curandeiro, o médico tradicional, é mbanda; e seu plural é imbanda. Em quimbundo, o singular é quimbanda, e seu plural é imbanda, também. Observe-se que a medicina tradicional africana é também ritualística, daí o mbanda ou kimbanda ser confundido com o feiticeiro, o que não é correto, já que os papéis são bem distintos: o mbanda cura, o feiticeiro (ndoqui, em quicongo), faz malefícios (Simas, 2021, p 101).

A religião tem como origem a vinda do Caboclo das Sete Encruzilhadas, com o médium Zélio de Moraes, que anunciou a Umbanda como prática religiosa no início do século XX. De acordo com Simas (2021), apesar de ser um mito

fundador, as informações acerca da origem têm suas contradições, já que era uma época onde a ideia de uma identidade nacional estava sendo construída junto com os primeiros anos da República e pós-abolicionismo, trazendo o apagamento das ancestralidades indígena e africana que fazem parte da religião. Nesse contexto, é importante destacar que o projeto Brasil se fundamentou na escravidão e exploração dos povos sequestrados da África e dos povos originários. Com o pós-abolicionismo, fez-se o uso da política do branqueamento durante o século XX, projeto que também teve como objetivo apagar as histórias das pessoas negras e indígenas, dando continuidade às imposições sobre as culturas dominantes no lugar de suas práticas de origem. Nesse contexto, tudo que era advindo da cultura africana, especialmente a prática religiosa, era tratado como barbárie e ato criminoso (Vannucchi, 1999).

Tendo em vista essas condições, as práticas religiosas e não dominantes passaram a ter diferentes vertentes, como ocorre nos processos híbridos que, segundo Canclini (2008), surgem na América Latina, a princípio, de relações conflituosas, violências e imposições sociais.

Nesse contexto, a Umbanda de Zélio de Moraes se apresenta como uma vertente híbrida, que segundo Simas (2021), marca o início da codificação de uma tradição pautada pelo cristianismo e pelo espiritismo kardecista. No mesmo período, surge também a Umbanda Omolokô, destacando-se como uma expressão da cultura afro-brasileira mais voltada aos elementos africanos. Há também umbandas que seguem caminhos mistos, combinando características das duas vertentes.

Sodré (2019) ressalta que, durante o século XX, devido a repressão policial sobre pessoas negras e suas culturas em conformidade com a política do branqueamento, o professor e sacerdote Mário Filho sugeriu que os locais de prática da religião passassem a chamar Terreiro e/ou Roça. Nesse contexto, o autor ressalta que definir o território é importante para a demarcação de um espaço que tem ações definidas, pois a definição traça limites e cria características específicas desse local. Com isso, a ideia de território traz consigo a

identidade de um grupo e movimento humano de cultura. Segundo Sodré (2019, p. 20):

A ideia de território coloca de fato a questão da identidade, por referir-se à demarcação de um espaço na diferença com outros. Conhecer a exclusividade ou a pertinência das ações relativas a um determinado grupo implica também localizá-lo territorialmente. É o território que, à maneira de Raum heideggeriano, traça limites, especifica o lugar e cria características que irão dar corpo à ação do sujeito. Uma coisa é portanto, o espaço - sistema indiferenciado de definição de posições, onde qualquer corpo pode ocupar qualquer lugar -, outra é o território.

Tem-se o terreiro, portanto, como uma forma social de unir povos para além da sociedade, se tornando potência e força do povo afro-brasileiro que sofre com a intolerância e perseguição religiosa (e não só).

A respeito da intolerância, Sodré (2019) apresenta que as construções das cidades cariocas e o plano higienista de transformar as cidades em referências europeias fez com que as pessoas negras fossem afastadas da sua cultura e dos centros das cidades, transformando os territórios centrais em dominantes, limitando o espaço, o que fez com que as pessoas marginalizadas passassem a construir e criar seus próprios territórios.

As novas regras e normas urbanas beneficiaram a elite branca, de origem europeia, deixando a população negra nas periferias e nos morros. A situação provocou mais conflitos culturais, uma vez que as tradições e a cultura negra passaram a ser intoleradas com a promoção dos valores europeus nos centros das cidades. Enquanto os espaços centrais eram ocupados pela elite branca, as pessoas negras eram excluídas dos privilégios de cidadãs e empurradas para as periferias e morros.

Portanto, é compreender os terreiros de Umbanda como territórios, já que dentro deles há regras e rituais. São territórios de Axé - força sagrada carregada pelos orixás e pela energia vital presente em toda a natureza - que criam estratégias para manter sua territorialidade e driblar os efeitos da intolerância religiosa.

Segundo Caputo (2012) e Sodré (2019), o terreiro, tanto no contexto religioso quanto no vocabulário popular, é a denominação mais utilizada para os locais de prática das religiões afro-brasileiras. Constitui um lugar de transferência e de preservação do patrimônio cultural negro-africano para o Brasil, sendo um espaço atemporal e de suporte para a manutenção e propagação da cultura afro-brasileira dentro das cidades. Assim, o terreiro vai muito além de um espaço religioso, pois também se configura, segundo os autores, como uma forma social que traz consigo o lugar de origem, a força e o Axé, que é um dos elementos mais importantes na construção do terreiro.

A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NAS CIDADES

Na década de 1940, cenário referente a Era Getúlio Vargas, é estabelecido um decreto que impede o embargo de cultos religiosos, criando assim, a possibilidade de um ambiente favorável aos terreiros. No entanto, em um ato contraditório e demonstrando intolerância religiosa, é sancionada a lei do curandeirismo com o Artigo 284 do Decreto-Lei nº 2.848 do Código Penal, de 7 de dezembro de 1940 (Brasil, 1940)¹⁰⁸:

Art. 284 - Exercer o curandeirismo:

I - Prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância;

II - Usando gestos, palavras ou qualquer outro meio;

III - fazendo diagnósticos:

Pena - detenção, de seis meses a dois anos.

Parágrafo único - Se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito à multa (Simas, 2021, p. 110).

De acordo com Simas (2021), a Umbanda tem como um de seus significados a “arte do curandeiro”, incluindo diversas práticas com base na cultura afro-indígena, o que favoreceu a sua proibição. Como resposta à repressão, foi criado o primeiro congresso Umbandista do Brasil, em 1941, que teve o objetivo

¹⁰⁸ BRASIL. Decreto Lei 2848. **Código Penal**. Brasília, DF: Presidência da República, 1940. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm Acesso em: 10 mar. 2025.

de unir as práticas da Umbanda e torná-la desafricanizada, momento o qual Zélio de Moraes trouxe uma nova definição da origem da palavra Umbanda:

Refutando o Omolokô, em uma entrevista dada no início da década de 1970, o próprio Zélio buscou afastar a etimologicamente provável origem banto para o culto. Diz ele que o nome original da religião é Alabanda: Alá, palavra árabe que designa Deus. Alabanda significaria, então, “do lado de Deus”. Ainda na entrevista, Zélio diz que esse nome foi dado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, como uma homenagem a certo Orixá Mallet, que era malaio e muçulmano. No ano seguinte à anunciação, o Caboclo das Sete Encruzilhadas teria mudado o nome da religião de Alabanda para Aumbanda, substituindo a palavra árabe Deus (Alá) para a palavra grega com o mesmo significado (Aum) (Simas, 2021, p. 145-146).

Em resposta às ações para promover o embranquecimento e o apagamento da cultura de terreiro, houveram diversas personalidades que buscaram resgatar a origem africana da religião, como Tatá Tancredo e Maria Bibiana que realizaram eventos para fortalecer a identidade da Umbanda. De acordo com Simas (2021), Tatá Tancredo foi responsável pelo início da realização das cerimônias, em 31 de dezembro, nas praias do Rio de Janeiro, prática ainda comum nesses locais.

Anos depois, o réveillon na praia, com o uso das roupas brancas e queima de fogos, se transformou em um evento de grandes proporções da cultura carioca, chegando mesmo a afastar os terreiros da orla turística, que atualmente preferem fazer suas obrigações em praias mais distantes ou na véspera da virada do ano (Simas, 2021, p. 147).

Já a baiana Maria Bibiana se tornou conhecida como a Mãe Preta do Brasil, ao realizar uma cerimônia no Maracanã chamada “Você sabe o que é Umbanda”. No entanto, mesmo com os esforços para o fortalecimento e publicização da Umbanda, a intolerância religiosa continuou a existir no Brasil. Isso ocorre devido as estruturas sociais que encontram novos mecanismos para manter os privilégios dos grupos dominantes. Com o passar do tempo, a demarcação territorial se tornou ainda mais acentuada nas cidades, com o reforço de mais símbolos que estimulam e reafirmam a supremacia branca, tais como os shoppings centers e os espaços privados que segregam grupos. Segundo Berth (2023, p. 20),

Essa prática de segregação, de forte tom punitivista, é responsável por dar pecha de *perigosas* a certas regiões, com o intuito de afastar

do debate público as violentas desumanidades que são promovidas nesses lugares. E, além disso, a maneira como as camadas dominantes se referem a áreas favelizadas e periféricas reafirma constantemente, mesmo que de maneira subliminar, que essas regiões não fazem parte da cidade.

Diante das construções das cidades com base na colonialidade, estabeleceu-se um sistema de hierarquia que privilegiou os favorecidos de poder e afastou tudo o que fosse fora do padrão instituído, mudando o imaginário das cidades para uma visão europeia, tornando cada vez mais difícil o convívio de pessoas marginalizadas. Segundo Berth (2023), trata-se de um projeto que tem no apagamento um dos elementos de morte simbólica da população negra. A cidade foi se tornando violenta, com um sistema de opressão contra as pessoas negras, mulheres, baixa renda e LGBTQIAPN+. Nesse contexto, a autora ressalta que as pessoas oprimidas precisam pensar onde pisar e como pisar em cada lugar da cidade, porque a qualquer momento a violência pode chegar até elas e de maneira muito fácil. Berth ainda reforça que o apagamento histórico da construção das cidades faz com que as violências sejam naturalizadas, pois as pessoas que não passam por problemas específicos sequer pensam sobre eles.

Assim, o racismo fez com que pessoas se mudassem para as periferias das cidades, ao passo que esses espaços também passaram a ser representados, nos textos dominantes (mídias e documentos oficiais), como o lugar da pobreza e violência. O racismo urbano, segundo Berth (2023) é notável quando se observa a segregação social nas periferias urbanas, a precarização da mobilidade, da educação, dos aparelhos sociais, do acesso a informação e tantos outros problemas sociais ignorados pelo poder público e por aqueles que não sofrem com tais situações. O racismo urbano - e o projeto colonial como um todo - , transformaram profundamente a realidade das comunidades negras, LGBTQIAPN+ e de baixa renda. A violência em transferir as pessoas marginalizadas dos centros urbanos para as periferias fez com que os terreiros de Umbanda acompanhassem esse movimento, sendo transferidos para áreas menos centralizadas. Esse deslocamento tornou-se uma resposta comum e necessária diante do ambiente hostil das áreas urbanas centrais, especialmente, às pessoas negras. Em Sorocaba, já em 1959 o Jornal *Cruzeiro do Sul*, como mídia dominante local,

abordava a religiosidade de matriz africana de forma pejorativa, contribuindo, assim, para a intolerância religiosa. Na Figura 1, lê-se “Tenda de baixo espiritismo funciona clandestinamente”. O subtítulo ainda traz a mensagem de que a prática religiosa se trata de balbúrdia que aniquila a paciência dos moradores. Detalhe para o uso da palavra “aniquila” que traz um grande peso à mensagem, que pode ser lida como “destruição da paz dos grupos dominantes”.

Figura 1 Notícia do jornal *Cruzeiro do Sul* de 17 de abril de 1959

PARA A POLÍCIA: RUA 13 DE MAIO - 109 - [FUNDOS]

TENDA DE BAIXO ESPIRITISMO FUNCIONA CLANDESTINAMENTE

Demasiada balbúrdia aniquila a paciência dos moradores

Consciente demissão feita por moradores da Rua 13 de Maio — tenda de baixo espiritismo funciona clandestinamente no nº 109 dessa artéria um tanto deserta — é a única feitoria que não obstante permanece grandemente a vizinhança. Isto é, não pode ser considerado que é de modo algum inconveniente que operam ali algumas coisas conciliadas com a demência precece — muitos moradores daquela estrada, entretanto, que quais se podem contar crêem de resto.

DALMÁTICA DA DEMASIA
Segundo apuraram através das manifestações que dispenderam os deputados — LEM, LOS, LIMITES

As declarações dos moradores que eram levadas a efeito duas ou três vezes por semana, passaram a ser sempre para o lado da balbúrdia e gritaria provenientes das diversas práticas de espiritismo que tanto de maldade quanto de satisfação grande os desocupados amanheceram em suas estreitas e vãndimas, bem como estremeciam seu campo operacional de modo a abrigar toda e qualquer ação estrangeira favorável aos detentores de um certo tipo de poder diariamente. Tudo que é praticado até às tantas de manhã é de vez em quando de maneira realmente grandes que operam alguma conceição conciliada com a demência precece — muitos moradores daquela estrada, entretanto, que quais se podem contar crêem de resto.

DEMOCRACIA INDIA

As autoridades estão firmemente decididas a pôr fim ao que já veiculou o dr. Carvalho, presidente do Conselho Municipal, da polícia local, resultante de diversas diligências pôr elas efetuadas, defendendo menores que se encontravam em bares e lugares de diversões, que se achavam em casa. Nas "balbúrdias" houve alguns protestos, porém, os comissários ficaram prevalentes a sua ignorância, e os protestos foram todos a presença do dr. Carlos Negreiros para as providências cabíveis. Foi, portanto, proposta a este que as "balbúrdias" fossem dadas, dando estímos resultados e prova disso é que mesmo nesse caso permanecem nos bares e lugares, imprecisamente, quando antigamente pululavam. E frizou: — "Isto é prova de que outros não estão cientes.

Decreto N. 322
O Prefeito Municipal de Sorocaba, em 17 de Abril de 1959.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOROCABA

Publicado na Diretoria Administrativa da Prefeitura Municipal de Sorocaba, em 11 de Abril de 1959.

JOSE LOPES DE SOUZA
Prefeito Municipal.

Publicado na Diretoria Administrativa da Prefeitura Municipal de Sorocaba, em 11 de Abril de 1959.

DOROTY AMARAL — Diretor Administrativo.

EM DEFESA DA MOCIDADE

Da O.S.E. e do G.M.A.A.

Visita à Companhia Nacional de Estamparia

NAT "KING" COLE

CLUBE DOS BANDEIRANTES

Barômetro Político

"Sem liberdade de imprensa todas as demais liberdades se desvanecem"

PELO visto e feito, com o sr. José Laranjo na chefia da Executiva local, em descrença da vaga deixada pelo seu titular que optou pelo novo mandado no Legislativo federal, respeitasse em Sorocaba um novo clima de austerdade, confiança e maior organização política.

A organização, julgavam que a discórdia que sempre caracterizou a harmonia que deveria reinar entre os maiores poderes Executivo e Legislativo estava desfeita. Os eventuais posteriores, não só permitiriam continuidade da mesma, mas Constituiriam a razão de maior da estabilidade e seu funcionamento, informando em vez desmoralizar o prefeito. Obviamente, sem saída entre a Câmara e a Prefeitura a máquina burocrática permanece como primorosamente autêntica nas suas rumbos, a acarretar consequências imprévisíveis para a moral, cidadania, cultura, educação, saúde, etc.

Assim, outro alívio não nos resta senão voltarmos a falar na mesma teia, uma vez baldadas as reclamações anteriores.

Temos críticas, certa feita, a propósito das atitudes autoritárias das quais vêm sendo tomadas pelas autoridades, por parte de pessoas que, de maneira honesta, querem que deva ser feita, para o último recurso, a autoridade da nossa exército casa de debates, sabe de antemão que a ameaça, durante o transcorrer das sessões, foge à realidade, e que a mesma é só uma ameaça, que é sempre largada por lei, e aplicada um severo correctivo, as trepidantes, sem senso de ética de responsabilidade profissional. Uma altitude desse qualque, cremos, favoreceria a sua gestão à frente da Câmara Municipal, e, razão dos benefícios que adviriam em favor da moral e decência parlamentar em nossa cidade.

ARLINDO BIRRO deputado da terra Armando Paranhos e, nascido na Vila Itapuã, que sempre esteve presente a acreditar na vitalidade da sua cidade da terra.

Além disso, o sr. Arlindo Birro, que é o deputado João Pedroso, que irá disputar uma cadeira no Legislativo de nosso território, deve pôr em causa que seu candidato possa ser privilegiado por parte da sua proximidade ao seu distrito e que este distrito é de esperar que venha a ter a parte mais importante da sua eleição.

TERMINOS — antiparliamentares continuam endurcendo as suas vidas, violentando sempre os ministérios de autoridades, e, em parte, do presidente. Fomos bem informados, através de fontes bem informadas, que o Rio de Janeiro deverá vir a São Paulo, no dia 25, para a campanha, CORRE eleito para a cidade no dia 26, e que, na qual o sr. Antonio Corrêa, que é o deputado a viver na chapa do dr. At

Fonte: Acervo Digital Jornal *Cruzeiro do Sul*¹⁰⁹

Os terreiros, portanto, se afastam dos centros das cidades para manter vivo o território e trazer de volta as memórias e ancestralidades apagadas com a opressão do projeto colonial. Segundo Sodré (2019), como estratégias para também driblar a violência presente nas cidades, os terreiros de Umbanda passaram a utilizar símbolos que se encontravam navegando entre a construção europeia e a cosmovisão negra. Além disso, muitas comunidades passaram a esconder seus territórios com fachadas sem sinalização, e com divulgação por meio da oralidade passada através de um visitante para o outro.

¹⁰⁹ CRUZEIRO do Sul. Acervo digital do jornal *Cruzeiro do Sul*. Ano: 1959, mês: abril. <https://digital.jornalcruzeiro.com.br/pub/cruzeirodosul/?numero=15716> Acesso em: 20 jul. 2025.

MAPEAMENTO E COMUNICAÇÃO DOS TERREIROS DE SOROCABA

Os espaços sagrados dessas religiões se configuram como “espaços invisíveis” no cenário urbano da cidade, uma vez que quase sempre não são percebidos pela maioria que passa pelo local. Mapear esses espaços sagrados significa torná-los visíveis na paisagem urbana da cidade (Gois, 2011, p. 37).

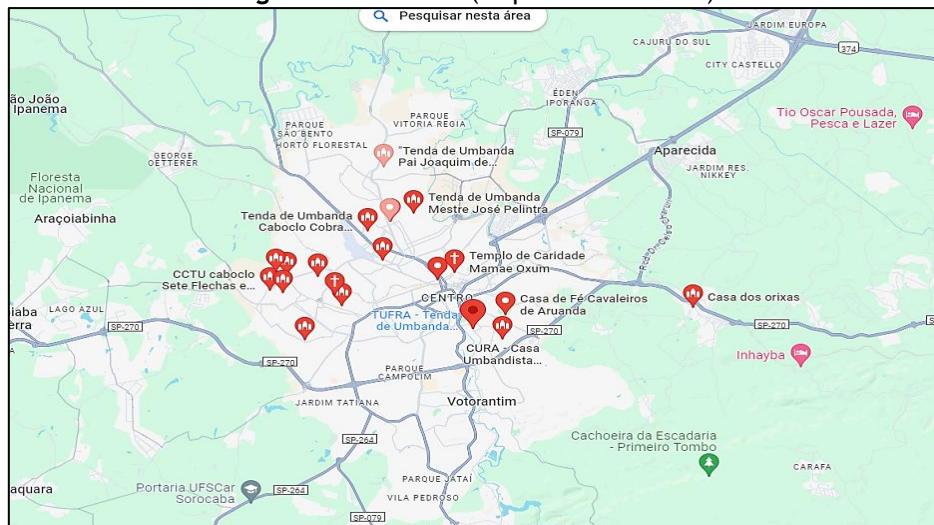
Sodré (2019) ressalta que, com todo o histórico de intolerância religiosa sofrida pelas religiões de matriz africana, os terreiros se tornaram lugares camuflados nas grandes cidades para se protegerem de perseguições e violências. Diante disso, quando há comunicação nas fachadas dos terreiros, elas são pequenas placas ou elementos que sinalizam ser um terreiro de Umbanda, embora a maioria das comunicações sejam inexistentes. Na década 1980, Birman (1983, p. 73) já chamava a atenção para tal estratégia:

As casas de cultos de umbanda, na sua maioria, possuem a peculiar propriedade de serem quase invisíveis aos olhos dos leigos. Ao contrário das igrejas cristãs, que ocupam pontos de destaque na geografia urbana, os terreiros são difíceis de encontrar, o que é compatível com o lugar social da religião na sociedade.

Posto assim, passaremos a utilizar a metodologia da cartografia, proposta por Joly (2004), para identificar a localização e a comunicação dos terreiros existentes na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo, Brasil. Vale antes destacar que a história do município se destaca pelo domínio dos colonizadores bandeirantes e pela exploração do ferro, atividades que começaram a moldar a região desde os primórdios da colonização. No século XVIII, Sorocaba tornou-se um importante centro do tropeirismo, uma atividade econômica que impulsionou o desenvolvimento local e regional. O crescimento econômico foi acompanhado pela expansão da estrutura escravagista, resultando na escravidão de pessoas negras e indígenas que desempenharam um papel fundamental na construção da cidade. Segundo Joly (2004), a cartografia tem a função de comunicação ao identificar e entregar resultados a partir de observações e explorações de mapas e levantamento de campo. Com isso, a cartografia utiliza de símbolos e signos compreensíveis, considerando uma linguagem própria para poder descrever as cidades e mapas. Como ponto de partida para uma primeira identificação dos terreiros, recorremos ao Google Maps com o uso das palavras-chave “Terreiros”, “Umbanda”, “Sorocaba”, no dia 11 de julho de 2024,

resultando em 20 locais marcados no mapa (Figura 2). A partir dessa detecção, foi realizada análise nos 20 endereços apresentados para o levantamento da comunicação das fachadas.

Figura 2: Sorocaba (Mapa dos Terreiros)



Fonte: Google Maps, 11 jul. 2024.

Para melhor visualização, criamos um quadro com o nome de cada terreno e seus respectivos endereços:

178

Quadro 1: Terreiros em Sorocaba

Nome do Terreiro	Endereço
TERREIRO DE UMBANDA ILÊ XANGO	R. Cel. Nogueira Padilha, 737 - Vila Hortência, Sorocaba - SP, 18020-001
TUFRA - Tenda de Umbanda Francisco de Assis	R. Dr. Campos Salles, 648 - Vila Assis, Sorocaba - SP, 18065-290
Sociedade Espírita de Umbanda Bom Pastor	R. Miguel Giardini, 81 - Vila Carvalho, Sorocaba - SP, 18060-030
Templo de Caridade Mamae Oxum	R. Aparecida, 335 - Jardim Santa Rosália, Sorocaba - SP, 18095-000
Tenda de Umbanda Luz de Iemanjá - TULI	Av. Dr. Armando Sales de Oliveira, 741 - Vila Trujillo, Sorocaba - SP, 18060-370
Umbanda sagrada Folha Verde	R. Melvyn Jones - Vila Tortelli, Sorocaba - SP, 18070-060
Terreiro de Umbanda Pai José de Aruanda	R. Francisco Paulo Simone, 28 - Jardim Ana Maria, Sorocaba - SP, 18065-350
Colégio de Umbanda Sagrada Baiano Zé do Coco	R. São Gabriel, 131 - Jardim Parana, Sorocaba - SP, 18075-330
T. E. U. Caminhos de Aruanda	Alameda das Tulipás, 126 - Jardim Simus, Sorocaba - SP, 18055-133
Tenda de Umbanda Caboclo Cobra Coral e Pai Cambinda	R. José Gabriotti, 38 - Vila Nova Sorocaba, Sorocaba - SP, 18070-700
tenda de umbanda maria bonita e mae oxum	Alameda dos Gladiolos, n46 - Jardim Simus, Sorocaba - SP, 18055-163
TEMPLO DE UMBANDA CABOCLO JUPIRAMA EXU 7 ENCRUZILHADAS	R. Romão Ramos dos Santos, 597 - Parque Esmeralda, Sorocaba - SP, 18055-750
Templo de umbanda amor e caridade mãe Maria da Serra	R. Érico Veríssimo, 761 - Central Parque Sorocaba, Sorocaba - SP, 18051-100
Tenda de Umbanda de lansa e caboclo 7 flechas	Rua Mitre Fiúza Ayres - Parque Esmeralda, Sorocaba - SP, 18055-840
"Tenda de Umbanda Pai Joaquim de Angola"	R. Washington Pensa, 99 - Jardim Santa Cláudia, Sorocaba - SP, 18077-580
Centro Espírita e Templo de Umbanda Sagrado Coração de Jesus	R. Ramzia El Hadi, 203 - Jardim Abatia, Sorocaba - SP, 18055-051
T.E.U. Casa Divina	Rua Carmo Brenga, 961 Conjunto Residencial - Júlio de Mesquita Filho, Sorocaba - SP, 18053-050
Templo de Umbanda Pai Joaquim de Aruanda	R. Nelson Jacks Rosenberg, 286 - Jardim Wanel Ville IV, Sorocaba - SP, 18055-855
Tenda de Umbanda Mensageiros da Paz Ylê Asé Oxossi	Rua Ana Ponce Martins, 681 - Wanel Ville, Sorocaba - SP, 18055-864
CCTU caboclo Sete Flechas e Baiano Lampião	R. Lauro José Francisco, 190 - Júlio de Mesquita Filho, Sorocaba - SP, 18053-240

Fonte: Jacinto, 2025.

Dos 20 terreiros analisados, 13 não possuem comunicação em suas fachadas, e a maior parte está localizada na zona oeste e zona norte da cidade, regiões não consideradas nobres. O raio de distância do centro de Sorocaba

tem, em média, 6 km para a maioria deles. As fachadas possuem a arquitetura local de cada bairro, seguindo os padrões de casas comum a cada local. Geralmente são fachadas bem fechadas, sem que haja a visão para a parte interna. O mosaico da Figura 3 apresenta alguns exemplos.

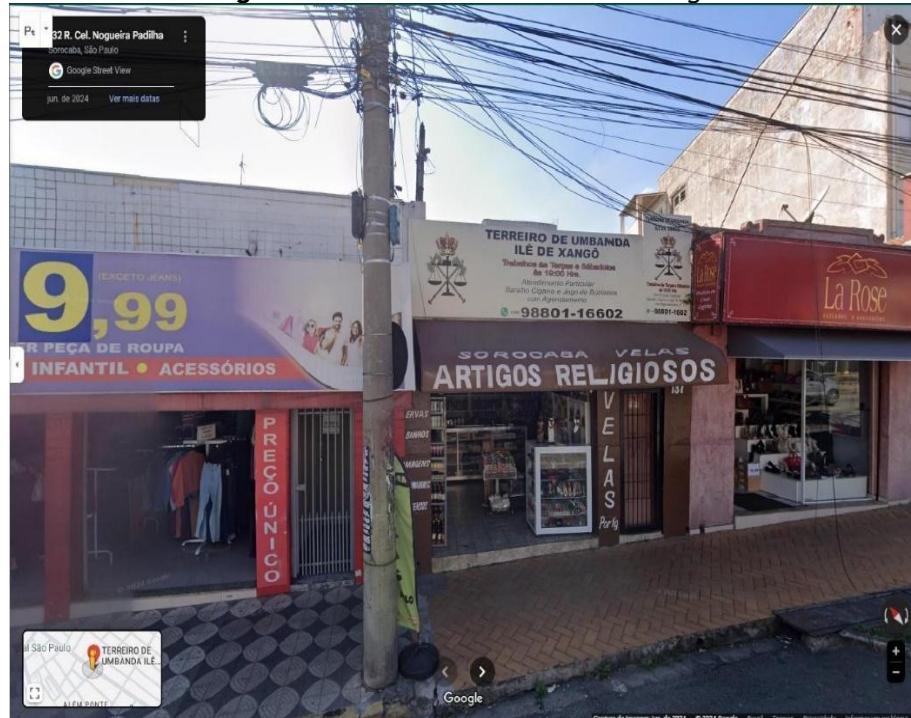
Figura 3: Mosaico de Fachadas de Terreiros em Sorocaba



Fonte: Google Maps

Apenas três terreiros apresentaram fachadas distantes da arquitetura residências locais, sendo o TUFRA: Tenda de Umbanda de Francisco de Assis, que também possui comunicação sobre o local, o Terreiro de Umbanda Ilê Xangô, que funciona junto a uma loja de artigos religiosos, e o terreiro T.E.U Caminhos de Aruanda, que parece um barracão desocupado.

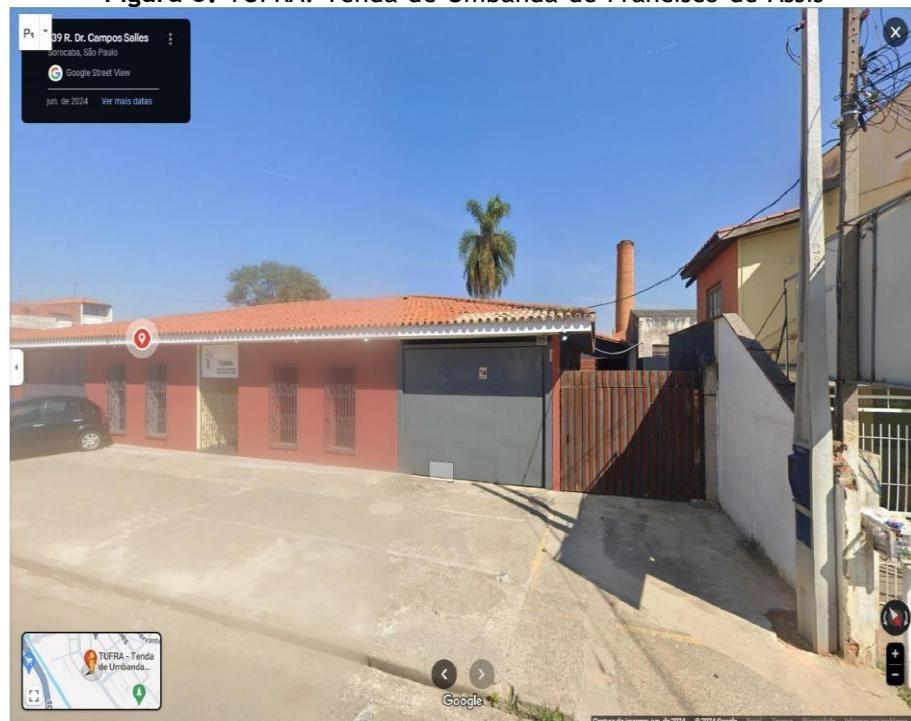
Figura 4: Terreiro de Umbanda Ilê Xangô



Fonte: Google Maps

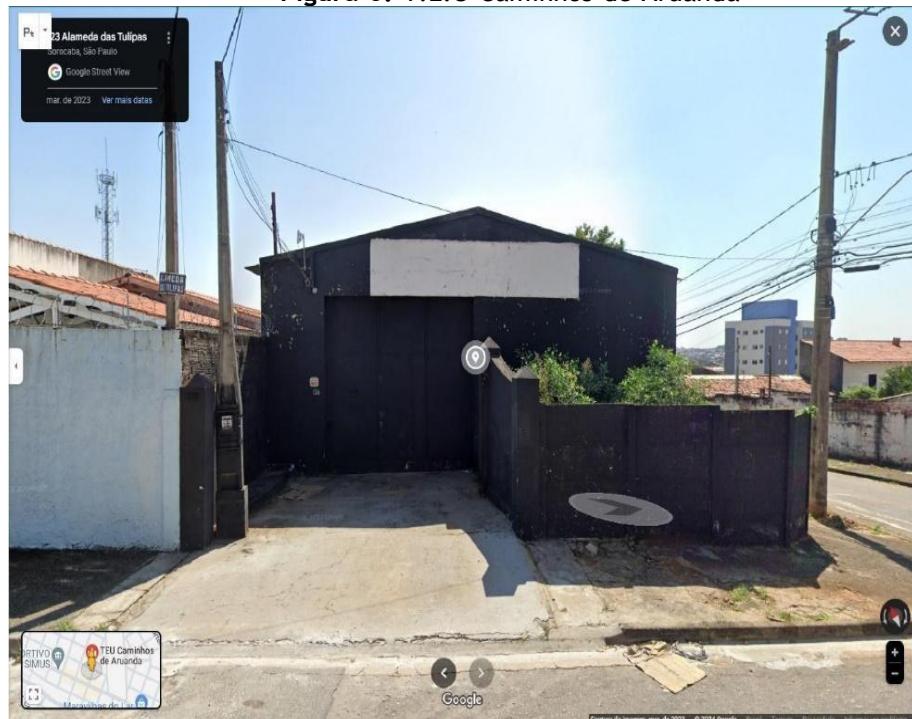
180

Figura 5: TUFRA: Tenda de Umbanda de Francisco de Assis



Fonte: Google Maps

Figura 6: T.E.U Caminhos de Aruanda



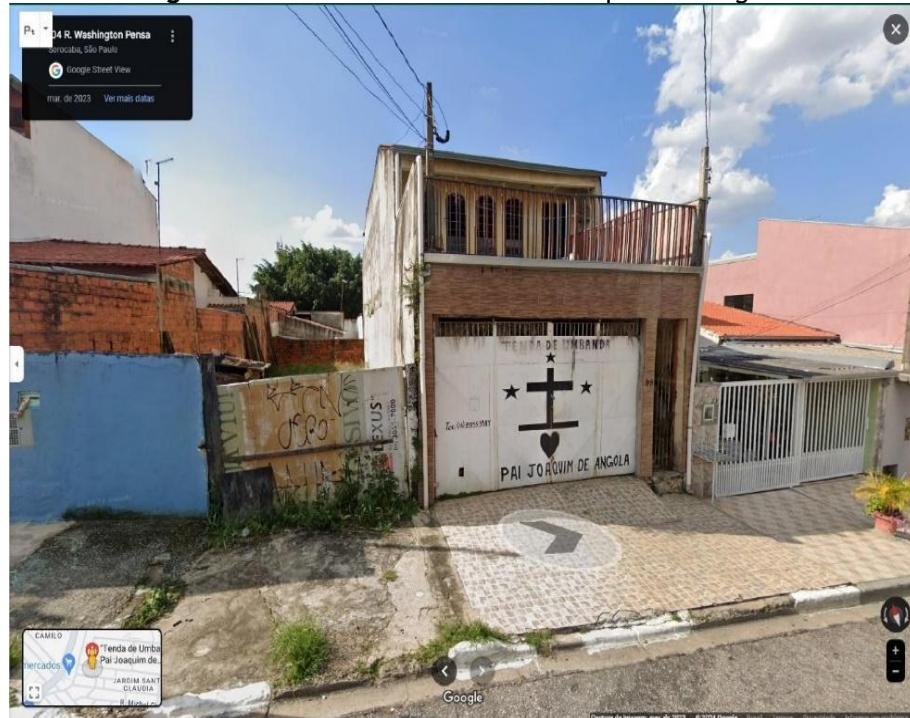
Fonte: Google Maps

181

A pesquisa dos terreiros, através do Google Maps, também apresentou que alguns deles não possuem uma identificação exata no aplicativo e na internet de modo geral, o que nos leva a crer que suas localizações só são divulgadas pela oralidade de seus frequentadores, se tornando, assim, invisíveis para evitar a violência e perseguição. Dos 20 terreiros, também se detectou que somente 10 utilizam a internet para informar sobre assuntos diversos e horários de atendimentos em páginas de redes sociais e sites.

Com relação a identificação nas fachadas, foco deste trabalho, apenas 6 terreiros possuem comunicação entre banners, placas, pinturas na parede e portão. A maioria das peças de comunicação são discretas e quase não são identificáveis. Elas podem passar despercebidas por alguém que não esteja procurando o local. A exceção da comunicação das fachadas está na Tenda de Umbanda Pai Joaquim de Angola, cujo portão é marcado por símbolos religiosos e o nome do terreiro em uma pintura artesanal.

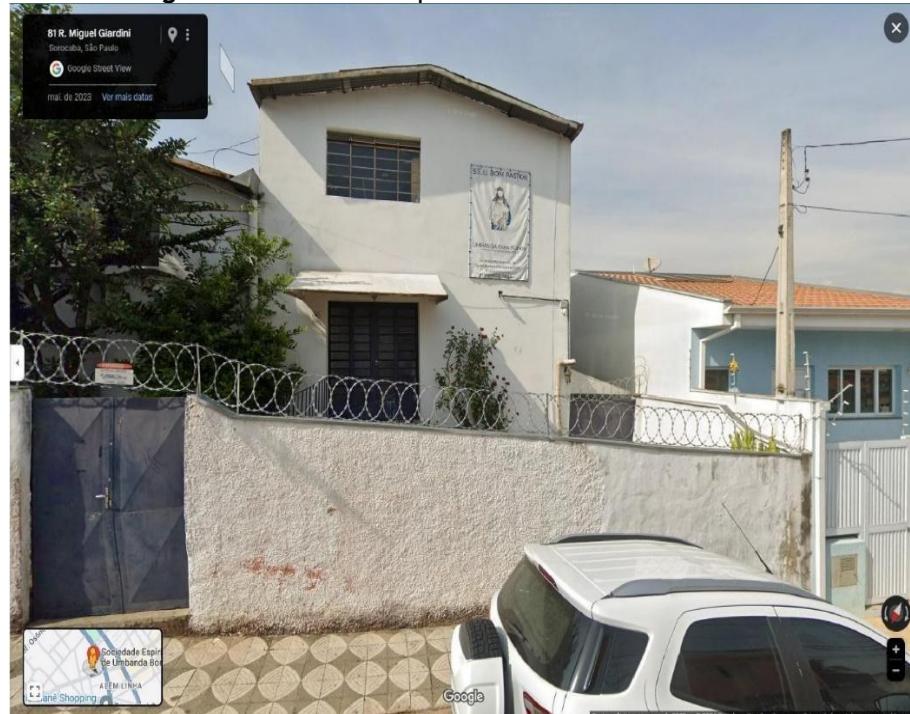
Figura 7: Tenda de Umbanda Pai Joaquim de Angola



Fonte: Google Maps

182

Figura 8: Sociedade Espírita de Umbanda Bom Pastor



Fonte: Google Maps

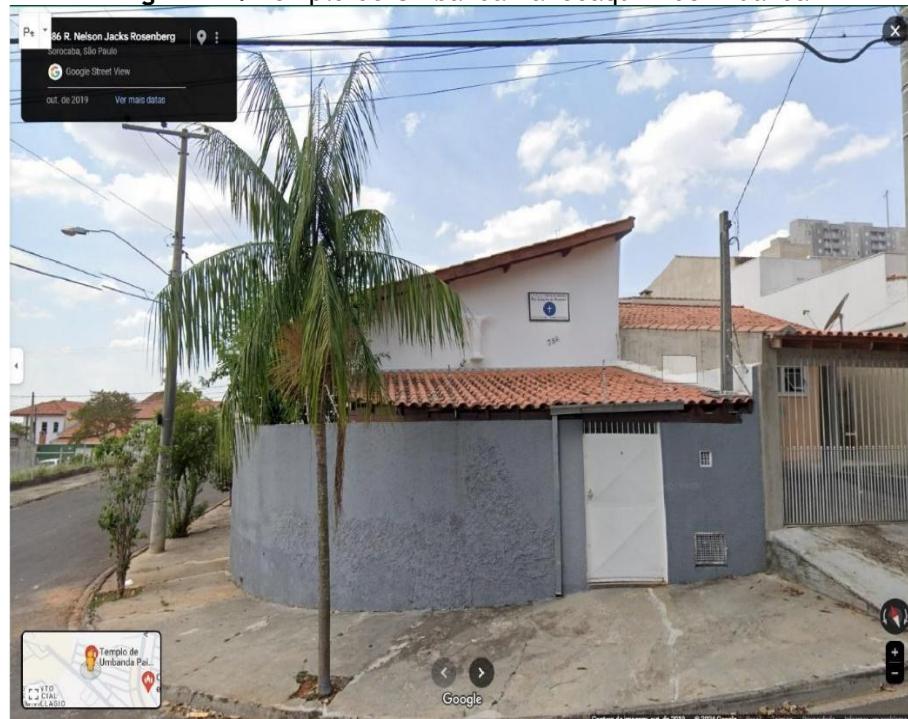
Figura 9: Tenda de Umbanda Caboclo Cobra Coral e Pai Cambinda



Fonte: Google Maps

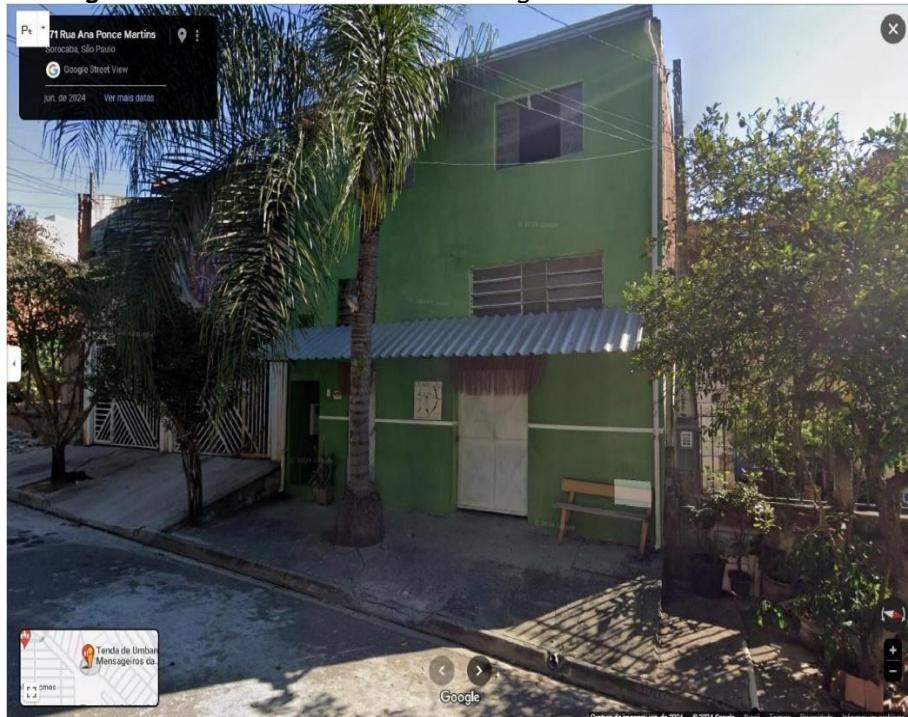
183

Figura 10: Templo de Umbanda Pai Joaquim de Aruanda



Fonte: Google Maps

Figura 11: Tenda de Umbanda Mensageiros da Paz Ylê Asé Oxossi



Fonte: Google Maps

184

UMA LEITURA FOLKCOMUNICACIONAL DAS FACHADAS DOS TERREIROS

Para melhor compreender a comunicação das fachadas dos terreiros de Umbanda sorocabanos, recorreremos a Folkcomunicação (BELTRÃO, 1980), teoria brasileira que se debruçou em compreender a comunicação produzida e difundida pelas culturas populares. Segundo Beltrão (1980), a cultura popular se apresenta como um meio fundamental de conhecimento e compreensão social que, muitas vezes, não pode ser observado nos meios de comunicação dominantes. Nas palavras do autor, a Folkcomunicação se trata de “um conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (Beltrão, 1980, p. 24).

Com isso, é possível compreender os terreiros de Umbanda localizados nas cidades como práticas socioculturais dos grupos urbanos marginalizados. De acordo com Beltrão (1980), os grupos marginalizados compartilham de semelhanças entre suas ideias e conectam-se pelo propósito comum de adquirir

conhecimento e compartilhar com o seu grupo. Essa troca ocorre por meio da comunicação popular expressa em processo mímico, tátil, oral e gráfico, como forma de trocar ideias, experiências e sentimentos através de simbolismos especialmente populares.

Beltrão apresenta a Folkcomunicação como um processo de estrutura artesanal e horizontal. A comunicação interpessoal é fundamental no processo, uma vez que suas mensagens são elaboradas, decodificadas e transmitidas em linguagem simples e em canais familiares à audiência.

No que se refere aos terreiros, de modo geral, a comunicação se dá nas formas mais comuns apresentadas pela Folkcomunicação, tais como as expressões (1) mímica, por meio das danças e outros gestos comuns aos rituais de terreiro; (2) tátil, pela utilização de instrumentos como o atabaque e outros elementos que compõem os rituais; (3) oral, por meio dos pontos cantados, rezas, orientações e divulgação do local que, como abordamos anteriormente, ocorre especialmente por essa forma e (4) gráfico, quando da utilização de materiais para a divulgação das atividades e comunicação das fachadas que, como também abordamos, é a forma menos comum e o recorte para este trabalho.

O levantamento dos dados apresentou que, dos 20 terreiros identificados, apenas seis possuem algum tipo de imagem em suas fachadas, sendo comunicações que se dão por meio de banners, placas, pinturas na parede e portão.

São marcações discretas e, muitas vezes, não identificáveis, o que vai ao encontro das colocações de Sodré (2019) e Simas (2021) a respeito da intolerância religiosa nas cidades e as estratégias de camuflagem dos territórios religiosos. Assim, selecionamos as fachadas dos terreiros Tenda de Umbanda Pai Joaquim de Angola e Tenda de Umbanda Caboclo Cobra Coral e Pai Cambinda, cujas fachadas são marcadas por símbolos religiosos e o nome do terreiro.

Figura 12: Pinturas das fachadas dos terreiros



Fonte: Google Maps

Como é possível observar, são pinturas produzidas de forma artesanal, sem domínio técnico e sem disciplina, o que faz dessas amostras diferentes das demais. Outras observações relevantes são as menções dos dias e horários de reunião na Tenda de Umbanda Caboclo Cobra Coral e Pai Cambinda, e a indicação do número de telefone na Tenda de Umbanda Pai Joaquim de Angola. Ao entregarem grafias grandes e chamativas, essas fachadas se apresentam, também, como formas de resistência na cidade.

Entendemos, com estes achados, duas formas distintas de os terreiros resistirem socialmente: (1) a camuflagem como a principal forma de proteção e resistência no espaço segregado e hostil da cidade e (2) a alta exposição de dois dos vinte terreiros identificados na pesquisa, como forma de marcar o território do terreiro na cidade. Como resistência, entendemos à luz dos Estudos Culturais uma forma de contracultura dominante marcada por expressões culturais populares que contestam e afrontam às imposições dominantes. Segundo Mattelart (2004), o conceito de resistência indica mais um espaço de debate com a intenção de mudança e não uma ideia impenetrável.

[...] trata-se, ao mesmo tempo, de uma declaração de independência, de alteridade, de intenção de mudança, de uma recusa ao anonimato e a um estatuto subordinado. É uma insubordinação. E se trata, ao mesmo tempo, de uma confirmação do próprio fato da privação do poder, de uma celebração da impotência (Hebdige, 1998 apud Mattelart, 2004, p. 75).

Assim, seja por meio da camuflagem ou pela alta exposição das fachadas, os terreiros encontram meios de resistir e enfrentar o racismo urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Taiane Flores do Nascimento (2011) ressalta que os terreiros possuem a dualidade de serem um espaço religioso e uma moradia, além de trabalharem em um jogo de invisibilidade e visibilidade, criando uma estratégia para construção e permanências desses espaços dentro das cidades, situação possível de ser identificada nas imagens retiradas do Google Maps e que revelam que os espaços continuam a segregar grupos considerados minoritários, como coloca Berth (2023). Os achados da pesquisa apontam que, com exceção de dois, os poucos terreiros que utilizam comunicação em suas fachadas a realizam de forma discreta e quase imperceptível ao olhar de quem não os procura. Além disso, pode-se notar que mesmo nos dias atuais, os terreiros de Sorocaba possuem uma imagem de casa comum e que, em muitos casos, são as próprias casas dos dirigentes ou seus comércios, o que dificulta a identificação do local.

Vale ressaltar que a Umbanda passou a ser mais respeitada nos últimos anos, fato que pode ser observado quando comparado às situações enfrentadas a partir do início do século XX. Todavia, as religiões de matriz africana (e não só as religiões), continuam a ter que encontrar maneiras de resistir e lutar contra uma sociedade pautada no projeto da colonização e que persiste em praticar o racismo urbano. Posto isso, a cidade de Sorocaba é só mais um exemplo sobre as situações apresentadas por Sodré (2019) e Simas (2021) no que se refere a segregação social e intolerância religiosa.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação:** a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BERTH, J. **Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

BIRMAN, P. **O que é Umbanda.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CAPUTO, S. G. **Educação nos terreiros:** e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CRUZEIRO do Sul. Acervo digital do jornal Cruzeiro do Sul. Ano: 1959, mês: abril.
<https://digital.jornalcruzeiro.com.br/pub/cruzeirodosul/?numero=15716> Acesso em: 20 jul. 2025.

GOIS, A. J. **O candomblé e a umbanda na cidade de Contagem, Minas Gerais (2009-2010) - Espaço e Território.** 2011. 152 f. Tese (Doutorado). PUC-MG, Belo Horizonte, MG, 2011. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/TratInfEspacial_GoisJA_1.pdf. Acesso em: 8 ago. 2024.

JOLY, F. **A Cartografia.** Papirus Editora: 2004.

MATTELART, A.; NEVEU, É. **Introdução aos estudos culturais.** São Paulo: Parábola, 2004.

NASCIMENTO, F. T. **Terreiros. Marginalizações e resistências:** A geografia das religiões afro-brasileiras na cidade de Santa Maria/RS. 2011. 237 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria-RS, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/24524/TES_PPGGEOGRAFIA_2021_NASCIMENTO_TAIANE.PDF?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 16 jul. 2024.

SIMAS, L. A. **Umbandas: Uma história do Brasil.** Editora Civilização Brasileira: 2021.

SODRÉ, M. **O terreiro e a cidade:** a forma social negro-brasileira. Mauad editora, 2019.

TENDA de Baixo Espiritismo funciona clandestinamente. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, ano 59, ed.15.716, 17 abril 1959. Caderno para polícia, p. B7. Disponível em: <https://digital.jornalcruzeiro.com.br/pub/cruzeirodosul/?numero=15716>. Acesso em: 2 jul. 2024.

VANNUCCHI, A. **Cultura brasileira:** o que é, como se faz. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

Artigo recebido em: 24 de fevereiro de 2025.

Artigo aprovado em: 31 de julho de 2025.